



## “Meus amigos são amigos de ninguém”: desesperança e finitude em “Onde Deus possa me ouvir”, de Vander Lee<sup>1</sup>

“Meus amigos são amigos de ninguém”: hopelessness and finitude in “Onde Deus possa me ouvir”, by Vander Lee

“Meus amigos são amigos de ninguém”: desesperación y finitud en “Onde Deus possa me ouvir”, por Vander Lee

Rodrigo Batista de Almeida<sup>2</sup>  
Camila Macenhan<sup>3</sup>  
Alexandre Collares Baiocchi<sup>4</sup>

### RESUMO:

A relação entre Psicologia e Literatura é um campo frutífero em termos de possibilidades de análise. Das diferentes correntes da Psicologia, a Psicologia Analítica, desenvolvida por Jung, constitui uma abordagem satisfatória para o estudo da Literatura. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar o poema “Onde Deus possa me ouvir”, de Vander Lee, conhecido na forma de música. Como aporte teórico, utilizou-se dos pressupostos da Psicologia Analítica a fim de identificar, na obra analisada, os diferentes elementos essenciais dessa teoria: conceito de *anima* e de *animus*, arquétipos, *persona*, inconsciente coletivo e modos de produção artística (modo psicológico e modo visionário). Pela análise, identificou-se o eu-lírico como um indivíduo em extremo sofrimento psíquico. Ao longo da narrativa discursiva, o eu-lírico vivencia diferentes fases, começando com um desabafo com seu interlocutor, passando pelo clamor por alguma ajuda, incluindo um possível e eventual amparo divino. Sem êxito, o eu-lírico apresenta nitidamente uma postura de abandono de si mesmo, terminando com um ato que pode sugerir um autoextermínio. Conclui-se que a relação entre Psicologia e Literatura é uma área que pode ser ainda muito explorada e a Psicologia Analítica, de Jung, constitui um aporte teórico adequado a essa proposta.

**Palavras-chave:** Jung. Psicologia Analítica. Vander Lee.

### ABSTRACT:

The relationship between Psychology and Literature is a fruitful field in terms of possibilities for analysis. Of the different currents of Psychology, Analytical Psychology, developed by Jung, constitutes a satisfactory approach to the study of Literature. In this sense, the objective of this work was to analyze the poem “Onde Deus possa me ouvir”, by Vander Lee, known in

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado na XIV Contextos e Conceitos – Mostra de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas, no dia 8 de novembro de 2024.

<sup>2</sup> Graduado em Farmácia e em Letras (Português/Inglês), Mestre em Ciências Farmacêuticas, Docente do Colegiado de Farmácia do Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas. E-mail: rodrigo.almeida@ifpr.edu.br

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia, Doutora em Educação, Docente do Colegiado de Pedagogia do Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas. E-mail: camila.macenhan@ifpr.edu.br

<sup>4</sup> Graduado em Psicologia, Mestre em Psicologia, Docente do Colegiado de Pedagogia do Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas. E-mail: alexandr.baiocchi@ifpr.edu.br



the form of music. As a theoretical contribution, the assumptions of Analytical Psychology were used in order to identify, in the analyzed work, the different essential elements of this theory: concept of anima and animus, archetypes, persona, collective unconscious and modes of artistic production (psychological mode and visionary mode). Through analysis, the lyrical self was identified as an individual in extreme psychological distress. Throughout the discursive narrative, the lyrical self experiences different phases, starting with an outburst with his interlocutor, going through the cry for some help, including possible and eventual divine support. Unsuccessful, the lyrical self clearly presents a stance of self-abandonment, ending with an act that may suggest self-extermination. It is concluded that the relationship between Psychology and Literature is an area that can be further explored and Jung's Analytical Psychology constitutes an adequate theoretical contribution to this proposal.

**Keywords:** Jung. Analytical Psychology. Vander Lee.

**RESUMEN:**

La relación entre Psicología y Literatura es un campo fructífero en cuanto a posibilidades de análisis. De las diferentes corrientes de la Psicología, la Psicología Analítica, desarrollada por Jung, constituye un enfoque satisfactorio para el estudio de la Literatura. En este sentido, el objetivo de este trabajo fue analizar el poema “Onde Deus possa me ouvir”, de Vander Lee, conocido en forma musical. Como aporte teórico, se utilizaron los presupuestos de la Psicología Analítica para identificar, en el trabajo analizado, los diferentes elementos esenciales de esta teoría: concepto de anima y animus, arquetipos, persona, inconsciente colectivo y modos de producción artística (modo psicológico y modo visionario). A través del análisis, el yo lírico fue identificado como un individuo en extrema angustia psicológica. A lo largo de la narrativa discursiva, el yo lírico vive diferentes fases, comenzando con un arrebato con su interlocutor, pasando por el grito de ayuda, incluido el posible y eventual apoyo divino. Fracasado, el yo lírico presenta claramente una postura de autoabandono, que termina con un acto que puede sugerir el autoexterminio. Se concluye que la relación entre Psicología y Literatura es un área que puede ser más explorada y la Psicología Analítica de Jung constituye un aporte teórico adecuado a esta propuesta.

**Palabras-clave:** Jung. Psicología Analítica. Vander Lee.



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema central o sofrimento psíquico apresentado pelo eu-lírico no poema “Onde Deus possa me ouvir”, de Vander Lee. O objetivo deste trabalho foi analisar, na perspectiva da relação entre Psicologia e Literatura, o poema “Onde Deus possa me ouvir”. Justifica-se este trabalho pela escassez de trabalhos que se voltem ao estudo da relação entre Psicologia e Literatura. Em relação à metodologia, foi utilizada a Psicologia Analítica, teoria formulada por Carl Gustav Jung, como aporte teórico, publicada originalmente em 1930 (Jung, 1985).

O artigo apresenta, na sua estrutura, os seguintes tópicos: “Aporte teórico”, “Metodologia”, “Resultados e Discussões” e “Considerações finais”. No “Aporte teórico”, é apresentado um panorama das relações entre Psicologia e Literatura, campo de estudo no qual está inserido este trabalho. Na “Metodologia”, constam as delimitações metodológicas que foram utilizadas na condução da pesquisa, pautadas pela Psicologia Analítica, de Jung, e seus elementos-chave, como *animus*, *anima*, *persona*, inconsciente coletivo e modo de produção artística (Jung, 1985). Nos “Resultados e discussões”, os autores apresentam a estrutura do poema, passando por uma análise literária do texto, para, na sequência, aprofundar a análise na perspectiva junguiana. Por fim, no tópico “Considerações finais”, as principais conclusões do trabalho foram reunidas.

A análise da obra “Onde Deus possa me ouvir”, com base nos pressupostos da Psicologia Analítica, de Jung, permitiu identificar diferentes elementos na estrutura do poema, como o conceito de *anima* e de *animus*, arquétipos, *persona*, inconsciente coletivo e modos de produção artística (modo psicológico e modo visionário), o que evidencia a validade da Psicologia Analítica na análise de obras literárias.

## 2 APORTE TEÓRICO

Delimitar a interface entre os campos da Psicologia e da Literatura pode ser tão desafiador quanto interessante, uma vez que a Literatura apresenta o ser humano exposto em diferentes situações e o reconhecimento dos elementos psicológicos que condicionam as relações sociais apresentadas nas diferentes obras literárias constitui um profícuo campo de pesquisa.

As possibilidades epistemológicas do entrelaçamento da Psicologia com a Literatura estão diretamente vinculadas à experiência de leitura, pois é na leitura que se constitui o



sentido do texto. O contato que o leitor tem com a obra literária faz emergir inúmeros questionamentos, incluindo os mais inusitados, haja vista a experiência de leitura sempre ocorrer de forma individualizada, circunscrita às percepções de cada leitor (Colonnese; Freitas, 2018).

Fica claro, portanto, que a Literatura, vista na perspectiva da Psicologia, obrigatoriamente, envolve três elementos indissociáveis: obra, escritor e leitor. Como seria de se supor, a arquitetura do texto selecionada pelo escritor confere à obra características muito peculiares que se traduzem em múltiplos sentidos, a depender da atividade de leitura. Desse modo, há grande possibilidade de convergência e interlocução de ideias entre Psicologia e Literatura, explorando-se tanto os processos criativos como os processos mentais (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021).

Para melhor abordar a relação entre Psicologia e Literatura, cabe uma breve introdução à Psicologia em si. No fim do século XVIII e início do século XIX, o hipnotismo ganhava destaque como um possível método de acesso ao espírito humano e para o tratamento de transtornos mentais e de comportamento. O desenvolvimento do hipnotismo por diferentes pesquisadores, como, por exemplo, Charcot, levou à chamada Medicina psicológica. Um dos discípulos de Charcot, Sigmund Freud, começou a usar o método do hipnotismo em Viena, passando a se dedicar a explorar o inconsciente. Freud ficou mundialmente conhecido pela sua teoria sobre o inconsciente, denominada Psicanálise (Jung, 1999).

No entanto, a contribuição mais significativa para a análise literária veio da Psicologia Analítica, um campo teórico desenvolvido por Carl Gustav Jung (1875-1961). Jung, aluno e discípulo de Freud, acaba, por volta de 1910, por se distanciar de Freud e de sua teoria, por discordar de alguns postulados da Psicanálise, sobretudo em relação à teoria da sexualidade e ao reducionismo presente em muitas das ideias de Freud.

Enquanto Freud enfatizava o inconsciente individual, Jung (1985) postulava a existência de um inconsciente coletivo, presente em todos os seres humanos, o qual comporta diferentes símbolos culturais, denominados arquétipos, que pertencem à ancestralidade da humanidade. Também há em cada ser humano *personas* (denominação das máscaras usadas por atores do teatro greco-romano antigo) que vão se constituindo em diferentes fases da vida de uma pessoa, moldando a sua personalidade (Jung, 1999).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar, na perspectiva da relação entre Psicologia e Literatura, o poema “Onde Deus possa me ouvir”, de Vander Lee, musicado na voz do próprio autor.



### 3 METODOLOGIA

Em relação à metodologia, foi utilizada a Psicologia Analítica (Jung, 1985), de Jung, publicada originalmente em 1930, como aporte teórico. Utilizou-se dos pressupostos da Psicologia Analítica a fim de identificar, na obra analisada, os diferentes elementos essenciais dessa teoria: conceito de *anima* e de *animus*, arquétipos, *persona*, inconsciente coletivo e modos de produção artística (modo psicológico e modo visionário) (Jung, 1985). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 4.1 Estrutura e análise do poema

“Onde Deus possa me ouvir” foi composta por Vander Lee, nome artístico de Vanderli Catarina, compositor e cantor nascido em Belo Horizonte. Essa canção foi gravada por vários intérpretes da música popular brasileira, como Gal Costa, Elba Ramalho, Fagner, Mart’nália e Padre Fábio de Melo. As estrofes vão impondo um ritmo de melancolia, angústia e desilusão, o que, a depender da interpretação, tem essa sensação amplificada.

Abaixo, está apresentada a letra de “Onde Deus possa me ouvir”.

#### **Onde Deus possa me ouvir – Vander Lee**

Sabe o que eu queria agora, meu bem?  
Sair, chegar lá fora e encontrar alguém  
Que não me dissesse nada  
Não me perguntasse nada também

Que me oferecesse um colo, um ombro  
Onde eu desaguasse todo desengano  
Mas, a vida anda louca  
As pessoas andam tristes  
Meus amigos são amigos de ninguém

Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?  
Morar no interior do meu interior  
Pra entender por que se agridem  
Se empurram pro abismo  
Se debatem, se combatem sem saber



Meu amor  
Deixa eu chorar até cansar  
Me leve pra qualquer lugar  
Aonde Deus possa me ouvir

Minha dor  
Eu não consigo compreender  
Eu quero algo pra beber  
Me deixe aqui, pode sair

Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?  
Morar no interior do meu interior  
Pra entender por que se agridem  
Se empurram pro abismo  
Se debatem, se combatem sem saber

Meu amor  
Deixa eu chorar até cansar  
Me leve pra qualquer lugar  
Aonde Deus possa me ouvir

Minha dor  
Eu não consigo compreender  
Eu quero algo pra beber  
Me deixe aqui, pode sair

Meu amor  
Deixa eu chorar até cansar  
Me leve pra qualquer lugar  
Aonde Deus possa me ouvir

Minha dor  
Eu não consigo compreender  
Eu quero algo pra beber  
Me deixe aqui, pode sair

Adeus

A música “Onde Deus possa me ouvir”, de Vander Lee, é um poema composto por 5 estrofes, sendo que as estrofes 1, 4 e 5 contêm quatro versos, ao passo que as estrofes 2 e 3 contêm cinco versos. Não há um único refrão, no entanto, as estrofes 3, 4 e 5 se repetem, na sequência da apresentação das cinco estrofes, finalizando com mais uma repetição, desta vez apenas das estrofes 4 e 5.



O eu-lírico é uma pessoa em extremo sofrimento psíquico que, inicialmente, apresenta ao seu interlocutor esse estado peculiar em que se encontra. Na sequência, o eu-lírico solicita ao interlocutor uma interferência no sentido de ajudá-lo a resolver ou mitigar o seu problema, mas o desenvolvimento da narrativa é marcado por uma constante e crescente desesperança.

No poema, o eu-lírico é parcamente descrito nas suas características físicas e isso pode evidenciar a escolha deliberada pela priorização da conformação psíquica, sem nenhuma (ou quase nenhuma) característica que pudesse ofuscar esse aspecto íntimo da experiência individual do eu-lírico enquanto sujeito.

Apesar das poucas características presentes no texto que permitam delinear o eu-lírico, pode-se determinar a sua faixa etária aproximada. Por um lado, pela profundidade do seu sofrimento e pela postura diante da vida, presume-se que não se trata de uma criança ou adolescente. Por outro lado, a ausência de marcações que, em alguns textos, são tipicamente relacionadas com o envelhecimento, como, por exemplo, atribuir à própria longevidade o sofrimento (em parte ou no todo) ou a dificuldade em resolver/adaptar-se a uma situação adversa exclui a possibilidade de se tratar de uma pessoa idosa. Desse modo, o eu-lírico possui esse enquadramento da idade adulta, em que questões existenciais afloram na vivência do indivíduo.

Além da caracterização etária, nada é revelado acerca do sujeito, com exceção do seu sofrimento extremo. Nem mesmo o gênero é possível ser determinado. O eu-lírico pode ser um homem, assim como pode ser uma mulher, e isso evidencia o caráter generalizante da caracterização desse indivíduo.

Dessa forma, *anima*, constructo junguiano compreendido como a personificação feminina no inconsciente masculino, e *animus*, o caráter masculino no inconsciente das mulheres (Jung, 1985), fundem-se no eu-lírico, a partir desse desnudamento em relação ao gênero. O eu-lírico, portanto, traz consigo toda a diversidade da humanidade, posto que o sofrimento psíquico é universal.

Por outro lado, o próprio sofrimento é apresentado de forma imprecisa. O “Por quê?”, o “Como?” e o “Quando?” não são explicitados. Sem causas nem consequências aparentes, a força semântica do texto é toda convergida para o sofrimento em si. Sofre-se e basta.

Do interlocutor, assim como o eu-lírico, há poucas referências. O que se verifica, a partir do texto, é que o interlocutor possui uma proximidade e intimidade com o eu-lírico, devido ao tratamento que lhe é concedido: “meu bem”, “meu amor”.

Para além do eu-lírico e do interlocutor, há menção a outras pessoas, mas, da mesma forma como foram tratados o eu-lírico e o interlocutor, essas pessoas são apresentadas de



forma imprecisa (“alguém”, “as pessoas”, “meus amigos”). Há, também, referência a um ser divino (“Deus”), porém a interpretação no sentido de entender a divindade como um elemento unívoco não se sustenta. Essa figura arquetípica representa o imponderável, dada a sua falta de eficácia em trazer o alívio, solicitado pelo eu-lírico, ao seu sofrimento.

A adjetivação restrita é outra estratégia discursiva que permite construir uma narrativa focada unicamente no caráter psíquico do eu-lírico. Os únicos adjetivos são “louca” e “tristes” presentes nos versos “Mas a vida anda louca” e “As pessoas andam tristes”, sendo que o primeiro uso, por se tratar de uma metáfora, ocorre em sentido figurado.

Se os adjetivos são escassos, o mesmo não ocorre com os verbos. Há uma superabundância dessas palavras, conferindo um movimento para o eu-lírico, que também é muito revelador do seu sofrimento psíquico, em que há alternância entre mobilidade (sugerida pelo emprego dos verbos “sair”, “chegar”, “encontrar”) e imobilidade (“chorar”, “cansar”). Esse movimento contraditório, afastando-se de uma narrativa linear, cria, no leitor, o efeito do sofrimento psíquico experimentado pelo eu-lírico, tornando-se evidente um conflito entre o que se quer ser e o que realmente é.

A partir desse momento, lançamo-nos a uma análise pormenorizada, verso por verso, estrofe por estrofe. Nos versos iniciais “Sabe o que eu queria agora, meu bem?/ Sair, chegar lá fora e encontrar alguém/ Que não me dissesse nada/ Não me perguntasse nada também”, o eu-lírico demonstra estar em um estado em que só quer o conforto de encontrar outra pessoa, sem o julgamento ou os questionamentos típicos de alguém a quem se recorre em momentos de grande aflição. Isso fica ainda mais evidente nos próximos versos “Que me oferecesse um colo, um ombro/ Onde eu desaguasse todo desengano”, em que o eu-lírico anseia por um apoio que venha junto com “afeto”, “acolhimento”, “compreensão”. A palavra “desengano” pode ser muito elucidativa da posição ocupada pelo eu-lírico, que mistura uma atitude de falta de crença com frustração.

Na sequência, os versos “Mas, a vida anda louca/ As pessoas andam tristes/ Meus amigos são amigos de ninguém” indicam diferentes nuances do estado de espírito do eu-lírico, o qual percebe a vida (atual) como muito acelerada ou sem uma lógica compreensível (por ele), a partir da caracterização da vida como “louca”, sendo a loucura uma quebra/ruptura com a realidade. De forma complementar, conclui-se que as pessoas estão adoecidas, frustradas, quase que impotentes diante das demandas de um cotidiano problemático, e que os amigos não são amigos verdadeiros ou não estão com disponibilidade para demonstrações reais de amizade, reduzindo a relação ao tratamento protocolar que se dá às outras pessoas, como “Bom dia”, “Como você está?”, sem realmente se preocupar com o outro.



Após a apresentação, ao seu interlocutor, da sua condição e do seu espanto diante das constatações sobre si mesmo e sobre como está o mundo ao seu redor, o eu-lírico sinaliza para mais um movimento: “Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?/ Morar no interior do meu interior”. A expressão “interior do interior” certamente é polissêmica. Um dos sentidos produzidos pode remeter à posição ocupada no útero materno, já que a posição fetal é tida como uma das únicas posições de conforto para quem se encontra em grave sofrimento psíquico e se vê sozinho. Por outro lado, “morar no interior do meu interior” sugere uma tentativa de ficar restrito aos seus pensamentos, pois “pensamento” pode ser o interior do nosso interior.

Seguindo nas estrofes, temos “Pra entender por que se agridem/ Se empurram pro abismo/ Se debatem, se combatem sem saber”. Toda essa violência, explícita por um lado, e irracional por outro, reforça a ideia de “a vida anda louca”, “as pessoas andam tristes” e “meus amigos são amigos de ninguém”. Percebe-se que o emprego de “se” indica uma agressão mútua, com todos se agredindo ao mesmo tempo e, como resultado, todos sendo, inevitavelmente, arremessados ao abismo, cedo ou tarde.

E o esforço para tentar entender o que acontece é inútil. Tudo é muito confuso e perturbador. O eu-lírico não se entende (no plano individual), mas também ninguém entende ninguém (no plano coletivo). Ficam todos “sem saber”. Mas “sem saber” o quê? É um conflito que pode, intertextualmente, relacionar-se à questão hamletiana: “Ser ou não ser?”. Adaptando-se: saber (ou não saber) o quê? Eis a questão central que perpassa toda a narrativa e alinha o sofrimento individual ao coletivo, posto que somos todos uma mera representação de tudo que a sociedade, nos seus diferentes grupos humanos, representa.

Ainda mais elucidativos do desespero e da sensação de desamparo experimentada pelo eu-lírico são os próximos versos: “Meu amor/ Deixa eu chorar até cansar/ Me leve pra qualquer lugar/ Aonde Deus possa me ouvir”. O choro até cansar é aquele choro exaustivo, que serve como catarse, para lavar todas as angústias e tristezas. E tamanho é o desespero que ele implora para que o seu interlocutor o leve para algum lugar onde Deus possa lhe ouvir.

O emprego de “aonde”, em vez de “onde”, parece ser apenas um detalhe de métrica. Mesmo sendo mais adequado o uso de “onde”, “aonde” parece ter sido escolhido para manter as oito sílabas poéticas dos outros dois versos anteriores, na mesma estrofe. Outra especificidade que reforça esse entendimento é o fato de, no título do poema, constar a palavra “onde”. Supondo que o poema tenha sido escrito para ser cantado, preocupações com a musicalidade e sonoridade prevalecem sobre outros aspectos.



Afora a discussão sobre “onde” e “aonde”, o eu-lírico sugere que onde ele está, no momento, é um local onde Deus parece não ouvi-lo. Portanto, ele precisa ir para qualquer lugar, diferente de onde está no momento, para encontrar Deus. E é nesse ponto que o eu-lírico se defronta com questionamentos centrais em torno da divindade. Deus não é onisciente? Não parece ser, pois ele não sabe o que está acontecendo com um de seus filhos. Deus não é onipresente? Não parece ser, pois o eu-lírico precisa ir a outro lugar, à procura de Deus. Deus não é onipotente? Talvez não seja, pois como poderia ter conhecimento do sofrimento de um dos seus filhos sem intervir?

Ciente da sua condição atual de sofrimento e incrédulo sobre a possibilidade de que alguma ação o remova dessa condição, o eu-lírico conclui: “Minha dor/ Eu não consigo compreender/ Eu quero algo pra beber/ Me deixe aqui, pode sair”. É uma permissão ao abandono (de si mesmo). O eu-lírico não acredita mais em Deus, não acredita mais nas pessoas e não acredita mais em si mesmo. Não há saída.

Nesse momento, ele cria uma ruptura com o interlocutor. Toda aquela ânsia por ajuda, quase implorando para que o interlocutor o auxilie, acaba. Ele dispensa o interlocutor, ele dispensa ajuda; ele segue sozinho a partir daqui.

Após as cinco estrofes, há repetição das últimas três e, na sequência, as duas últimas estrofes reaparecem, como se os versos fossem ecoando (no modelo 1-2-3-4-5/3-4-5/4-5) e, ao mesmo tempo, perdendo força, de modo muito semelhante ao estado de motivação do eu-lírico.

Por fim, um último verso: “Adeus”. Palavra forte, decisiva, “adeus” não é um “até logo”, é “para sempre, adeus”. Nesse ponto, seguimos dois itinerários semânticos, ambos possibilitados a partir da análise do poema.

De certa maneira, todos os versos convergem para um sentido de lamento, mas também de busca por uma graça, de modo muito semelhante a uma oração, uma prece. Toda oração é finalizada com “Amém”, que significa “assim seja”, indicando uma posição de extrema crença e esperança de que algo muito especial e aguardado aconteça. No entanto, “adeus” produz sentido oposto. Se “Amém” indica uma “vírgula”, já que a pessoa se coloca em uma posição de espera da graça, para seguir na caminhada da sua existência, “Adeus” está relacionado a inserir um “ponto final”.

Por outro lado, não há mais esperança, não há mais como entender, suportar ou aceitar a própria vida, com todos os seus problemas, restando uma última e irreversível medida: encerrar deliberadamente o próprio ciclo de vida. Mesmo nesse segundo itinerário semântico, podemos vislumbrar diferentes cenários, pois se, em uma perspectiva, é possível associar esse



“Adeus” meramente à terminalidade da existência, numa outra acepção, a palavra pode ser entendida, no texto analisado, como uma entrega ao sacrifício, dialogando com elementos de outras estruturas mitológicas, como a história de Jesus Cristo e a sua função como cordeiro de Deus, em benefício de toda a humanidade.

#### 4.2 Por uma análise do poema na perspectiva junguiana

A arte, em sua manifestação, é uma atividade psicológica. Desse modo, a arte pode e deve ser submetida a um escrutínio de cunho psicológico. A Psicologia Analítica, corrente desenvolvida por Jung, é uma ferramenta adequada para se analisar obras de arte, incluindo obras literárias, ao investigar elementos da mitologia inconsciente, com suas imagens primitivas que pertencem ao patrimônio comum da humanidade, denominado inconsciente coletivo (Jung, 1985).

Para Jung, o inconsciente, sobretudo o inconsciente coletivo, constituído por uma experiência ancestral, está presente na manifestação artística, e no inconsciente coletivo estão os arquétipos, transmitidos culturalmente (Leite, 1967). Um exemplo de arquétipo é a figura de “deus”. O conceito de sagrado, de divindade, é amplamente difundido entre diferentes culturas e etnias ao redor do mundo, independente do termo utilizado. Entre os cristãos, refere-se à divindade como Deus. Já para os islâmicos, essa divindade é representada por Alá, enquanto no hinduísmo o deus supremo é Brahma.

Nesse sentido, “Onde Deus possa me ouvir” apresenta essa estrutura arquetípica já no título do poema, explorando com mais profundidade ao longo do texto, sendo lícito extrair um sentido de questionamento sobre deus, sobretudo o deus dos cristãos, em que essa figura é apresentada dogmaticamente como onipresente, onisciente e onipotente. Tais características são questionadas ao longo do poema/música, e, antes de parecer uma simples insubordinação, pode encaminhar para um entendimento mais próximo do sofrimento psíquico do eu-lírico, que padece de uma extrema inquietação existencial, da qual deriva todo o seu estado de desesperança.

Como já falado anteriormente, os conceitos de *anima* e *animus*, muito bem delineados por Jung (Jung, 1985), além de muito bem alocados em relação aos gêneros, parecem ter sucumbido, ou melhor, parecem ter sido mesclados no mesmo ser, indicando uma provável identificação irrestrita do eu-lírico enquanto representante da humanidade, destinatário de toda sorte de infortúnios tão inerentes à condição humana. Portanto, esse ser em sofrimento, sem sexo, sem gênero definido, é o representante de todos nós, de todos os tempos, uma vez



que o sofrimento psíquico manifesta-se em todos os povos, em todas as épocas. Isso confere à obra certo verniz de atemporalidade.

Outro conceito da Psicologia Analítica de Jung é *persona*, a máscara no teatro grego que Jung adota como maneira de explicar as formas de se expressar no mundo adotadas pelas pessoas, frente a exigências ambientais (Leite, 1967). No poema analisado, o eu-lírico parece assumir a *persona* do cordeiro dado em sacrifício a Deus, que na mitologia cristã está associada à figura de Jesus Cristo.

No entanto, não é possível esgotar a multiplicidade de produções de sentido que uma obra pode oferecer, até porque muito do que se interpreta se faz no lugar do leitor, que, identificando elementos de intertextualidade, produz os sentidos para a sua leitura.

A obra de arte em si revela um grande potencial de remodelagem, uma vez que se transforma a cada olhar, a cada impacto e a cada nova atribuição de sentido. Isso fica evidente quando alguém lê a mesma obra em momentos diferentes da vida, atribuindo a ela um novo sentido a cada leitura (Jung, 2009). Diante disso, a partir de diferentes leituras, poderão emergir uma diversidade de sentidos, muitos até insuspeitos.

Em relação ao modo de criação artística, Jung propõe dois modos distintos: o modo psicológico e o modo visionário. O modo psicológico apresenta como temas os conteúdos colocados nos limites da consciência humana, provenientes sempre do domínio da experiência humana, da vida cotidiana. Por outro lado, no modo visionário, o tema ou a experiência que se torna conteúdo da elaboração artística não é conhecido, uma vez que partem do inconsciente. Para se identificar uma obra concebida pelo modo visionário é preciso verificar se ela exige comentários e explicações, pois sempre esse tipo de obra causa espanto, surpresa, confusão, podendo produzir até repugnância e em nada evoca do que lembra a vida cotidiana (Jung, 1985).

Fica evidente, portanto, que “Onde Deus possa me ouvir” certamente pertence ao segundo modo de produção, já que exclui toda possível relação com o universo comezinho. Apesar do fácil e instantâneo reconhecimento do conteúdo da obra (o sofrimento psíquico), nada mais nos é entregue. É preciso trilhar um tortuoso caminho interpretativo para se vislumbrar possíveis rotas de sentido, sendo que qualquer desvio poderá ser penalizado por meio de uma compreensão equivocada. Seu aspecto polissêmico faz do poema um obstáculo à interpretação fácil, pois os sentidos não são óbvios.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “Onde Deus possa me ouvir” foi analisada à luz da Psicologia Analítica, de Jung. A partir dos pressupostos teóricos dessa corrente da Psicologia, foram identificados elementos que conduziram à interpretação e leitura da obra em questão, sobretudo a análise centrada na figura do eu-lírico.

O texto do poema possui uma estrutura que faz alusão a uma oração, uma vez que o eu-lírico, em diferentes momentos, suplica que seu sofrimento psíquico seja abrandado, inclusive clamando a Deus por uma intercessão. Por outro lado, vislumbrou-se a possibilidade semântica de o eu-lírico ter ideado um suicídio. Apesar de esse termo ser um tabu, constituindo-se em um conteúdo sensível, de difícil abordagem para muitas pessoas, é importante discutir a questão no sentido de combater esse problema, que ganha contornos de uma pandemia silenciosa. Portanto, muito distante de uma conduta sensacionalista, essa discussão vem ao encontro da prevenção necessária para esse problema que afeta diferentes países, incluindo o Brasil.

Para pessoas que estão em profundo sofrimento psíquico e que apresentam risco de suicídio, é preciso ficar atentas para os tratamentos e serviços disponibilizados. Consultas a médicos psiquiatras e a psicólogos são essenciais, mas, em alguns momentos, o Centro de Valorização da Vida (CVV) pode e deve ser acessado. O CVV atende às pessoas por meio de uma ligação telefônica (188), sete dias por semana, 24 horas por dia.

Por fim, falar de saúde mental é, ao mesmo tempo, delicado, mas indispensável, já que os transtornos mentais e de comportamento são tão incapacitantes como os ditos transtornos físicos e isso justifica a necessidade premente de novos estudos acerca da temática explorada.

## REFERÊNCIAS

COLONNESE, L. R.; FREITAS, L. V. Psicologia analítica e estética da recepção: diálogos possíveis. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 354-362, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/F5MrLJR4PBtXH9PhhhhP8jr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2021.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. (tradução de Frei Valdemar do Amaral). 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, C. G. Psicologia e poesia. In **Obras completas: o espírito na arte e na ciência** (v. 15, 5. ed., p. 73-93). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Trabalho original publicado em 1930).



JUNQUEIRA, L. F. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 10, p. 1-16, e-2117404, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/17404>. Acesso em: 28 set. 2021.

LEITE, D. M. **Psicologia e literatura**. 2. ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1967.

Recebido em: 22/04/2025

Aprovado em: 09/07/2025